

UMA PRESENÇA NO OLHAR

Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação

Rímíni, 24 de abril de 2015

Apontamentos da Introdução de Julián Carrón

Não temos necessidade de nada mais, no início deste nosso gesto, do que gritar e pedir o Espírito para que remova de nós tudo aquilo que está parado, tudo aquilo que não está disponível, toda a nossa distração e abra toda a nossa espera, como me escreve uma de vocês: “É uma daquelas manhãs nas quais você não consegue se levantar a não ser se for buscando-O. E vai à Missa pedindo ao Senhor para encontrá-Lo ali, em casa, onde a cada dia começa o desafio da vida. Você não sabe ainda como estar diante do seu filho, de forma que tudo é injusto e tudo é raiva, tudo é pedido; não sabe, e no entanto, queima no coração aquele pedido de amor, ainda hoje. Na espera daqueles três dias, os Exercícios da Fraternidade, tão preciosos e indispensáveis, tudo queima de pedido, de uma falta: pedido por aqueles rostos ainda buscados, no caminho como você; pedido por um abraço que quereria para sempre, e que ainda busca, para aqueles que ama, para o mundo inteiro; sede de escutar, ‘memorare’, recordar, que nunca é suficiente. Queima ainda aquele amor a Cristo, à Sua companhia, que você busca ainda aos cinquenta anos e do qual nunca está plena”.

É com este pedido, com esta espera que se torna pedido, que nós invocamos o Espírito para que leve a bom termo esta nossa ainda que frágil tentativa de nos dispormos a acolher aquilo que o Senhor nos dará nestes dias.

Ó vinde, Espírito criador

“Por ocasião do curso anual dos Exercícios espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que acontece em Rímíni, Sua Santidade, Papa Francisco, espiritualmente partícipe, envia o seu cordial pensamento e seus melhores votos, desejando aos numerosos participantes e aos tantos que estão conectados via satélite abundantes frutos de descoberta interior da fecundidade da fé cristã, sustentada pela certeza da presença do Cristo ressuscitado. O Santo Padre invoca os dons do Divino Espírito por um generoso testemunho da perene novidade do Evangelho, nas pegadas deixadas pelo benemérito

sacerdote monsenhor Luigi Giussani. E enquanto pede que perseverem na oração pelo seu ministério universal, invoca a celeste proteção da Virgem Santa e concede, de coração, ao senhor e a todos os presentes, a implorada bênção apostólica, estendendo-a, de bom grado, a toda a Fraternidade e seus entes queridos. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade”.

Como o telegrama do Santo Padre assinala, no início dos nossos Exercícios estamos ainda imersos na luz da noite de Páscoa. Toda a noite pascal foi dominada pela luz do Círio Pascal, pela luz que Jesus ressuscitado introduziu para sempre na história. É à luz deste fato que a Igreja olha para tudo, pode olhar para tudo. Porque é somente quando aparece definitivamente a luz da ressurreição de Jesus que nós podemos compreender aquilo que não conseguiríamos entender sem ela: o significado último de tudo. Por isso, naquela noite, justamente a partir do presente, daquele momento no qual é dominada pela luz da Ressurreição (que dita o método para olhar para tudo), a Igreja nos faz olhar para toda a história, que, a partir da criação, adquire toda a sua luminosidade: é a história na qual se revela finalmente aos nossos olhos a positividade última da realidade.

Na luz da Ressurreição podemos olhar de frente para a pergunta mais urgente do homem: verdadeiramente, vale a pena ter nascido? É a pergunta que nos assalta quando a vida, mesmo com toda a sua beleza, com toda a sua promessa, nos encurrala: por que vale a pena ter nascido? A esta pergunta, que o homem se põe sobre a própria vida, pode-se encontrar uma resposta cheia de significado somente na luz da noite de Páscoa. Porque não teria valido a pena ter nascido se não tivéssemos a esperança de uma vida realizada, para sempre. Como nos recorda a Carta aos Hebreus, viver seria uma condenação, porque todos viveríamos no medo da morte, sob esta espada de Dâmocles que paira sobre nós. Ao invés, nós podemos reconhecer a positividade última da criação, da vida do homem, da vida de cada um de nós, à luz da vitória de Cristo, porque ali encontra resposta completa à grande pergunta sobre o significado da nossa vida. De fato, diz o canto da Proclamação da Páscoa: “de que nos valeria ter nascido, se não nos resgatasse em seu amor?”¹. Sem a ressurreição de Cristo, o que seria a vida, qual seria o seu significado?

A luz que domina a noite de Páscoa nos permite compreender toda a história da salvação, desde a libertação da escravidão do Egito até toda a história dos profetas, uma história que não tem outra finalidade do que a de nos fazer entrar na lógica do desígnio de Deus que se revelou lentamente no tempo.

¹ Proclamação da Páscoa, in *Missal Romano, Vigília Pascal*.

As leituras bíblicas da Vigília Pascal nos mostraram qual paixão Deus tinha pelos homens a ponto de Se interessar pela sorte de um povo insignificante como o de Israel, mostrando a todos que Ele não é indiferente ao sofrimento dos homens. Deus começa a responder de um modo concreto, particular, a este sofrimento e não abandona mais os Seus filhos. E mesmo se tantas vezes pudessem se sentir abandonados, como uma mulher abandonada e de alma aflita, Deus insiste com eles através dos profetas, como por exemplo Isaías: “Pode-se repudiar uma mulher desposada na juventude?”. E, no entanto, diz o Senhor, “Por um breve instante eu te abandonei, com imensa compaixão volto a acolher-te. [...] Por um pouco ocultei de te minha face, mas com misericórdia eterna compadeci-me de ti, diz teu salvador, o Senhor”. Deus tranquiliza o Seu povo: “Podem os montes recuar e as colinas abalar-se, mas minha misericórdia não se apartará de ti, nada fará mudar a aliança de minha paz, diz o teu misericordioso Senhor”².

Quando adquirem verdadeiramente significado, estas palavras, se não com aquele fato, o fato potente da ressurreição de Cristo? Do contrário, permaneceriam belas palavras para uma consolação sentimental, mas no fundo não constituiriam uma reviravolta crucial, decisiva, não introduziriam na vida algo de verdadeiramente novo. Só o fato da Ressurreição projeta sobre elas toda a luz necessária e as enche de significado. E, então, podemos entender porque Jesus havia dito aos seus discípulos: “Felizes os olhos que vêem o que vós estais vendo! Pois eu vos digo: muitos profetas e reis quiseram ver o que vós estais vendo, e não viram; quiseram ouvir o que estais ouvindo, e não ouviram”³. Os profetas eram parte desta história, tinham vivido parte desta história, desejaram ver a sua realização, mas não a viram. Por isso, Jesus diz a nós: “Felizes vós que vistes!”; o diz a nós que o vimos, que vimos a realização do Seu desígnio!

Por isso, a Igreja, na noite de Páscoa, tem a luz para olhar tudo, todo o escuro, tudo aquilo que nós homens recusamos olhar porque não temos resposta, a começar do nosso mal. Porque “esta é a noite... em que a coluna luminosa as trevas do pecado dissipou, e aos que creem no Cristo em toda a terra em novo povo eleito congregou! Ó noite em que Jesus rompeu o inferno ao ressurgir da morte vencedor”. Diante desta luz, o povo explode num grito de alegria: “De que nos valeria ter nascido se não nos resgatasse em seu amor?”. À luz deste evento a Igreja e todos nós, se verdadeiramente o Senhor nos dá a graça de um mínimo de consciência, podemos dizer: “Ó Deus, quão estupenda caridade vemos no vosso gesto fulgurar: não hesitais em dar o próprio Filho para a culpa dos servos resgatar”⁴.

² Is 54,6-8.10.

³ Lc 10,23-24.

⁴ Proclamação da Páscoa, in *Missal Romano, Vigília Pascal*.

Tendo no olhar Cristo ressuscitado, a Igreja é de tal forma capaz de olhar tudo que ousa dizer uma coisa sobre o nosso pecado que, aos olhos da nossa razão, parece paradoxal: “Ó culpa tão feliz!”. É um novo olhar sobre o mal, que, de repente, é percebido como um bem: “Ó culpa tão feliz que há merecido a graça de um tão grande Redentor!”. Continua a Proclamação da Páscoa: “Só tu, noite feliz, soubeste a hora em que o Cristo da morte ressurgia”. E este é o mistério daquela noite: “esta noite lava todo o crime, liberta o pecador dos seus grilhões [não simplesmente o podemos olhar, mas podemos ver até mesmo a sua derrota], enche de luz e paz os corações”⁵.

Como não ser gratos, se nós nos deixamos iluminar pela luz que o evento da Ressurreição introduz para sempre na vida e na história? Por isso, não há circunstância pela qual alguém possa passar, não há dificuldade ou mal que alguém tenha nas costas que devam ser censurados, que sejam tão grandes a ponto de não poderem ser olhados, desafiados, à luz da vitória de Cristo ressuscitado. À luz da Ressurreição podemos olhar tudo, amigos, porque nada está excluído desta vitória. Peçamos ao Senhor para sermos tão simples a ponto de aceitar esta luz: que entre nas dobras mais íntimas e mais escondidas do nosso ser!

O que celebramos na noite de Páscoa é apenas um fato do passado, uma recordação devota, um gesto ritual que repetimos todos os anos? A esta pergunta não se pode responder com uma reflexão ou com um raciocínio abstrato. Nenhum pensamento poderia satisfazer a urgência pungente desta pergunta, nenhum raciocínio conseguiria atenuá-la. O que documenta a verdade, isto é, a realidade, daquilo que celebramos na Páscoa? Só um fato: o evento de um povo, como aquele que vimos na Praça São Pedro. Um povo que confirma e grita a realidade da Ressurreição.

Mas, para poder colher, em toda a sua densidade, aquilo que nos aconteceu na Praça São Pedro, temos que olhar para um outro fato, um outro evento de povo, acontecido há dois mil anos, que testemunha e confirma a ressurreição de Jesus: o Pentecostes. “Quando chegou o dia de Pentecostes, os discípulos estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como se fosse uma forte ventania, que encheu a casa onde eles se encontravam. Então apareceram línguas como de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito os inspirava. Moravam em Jerusalém judeus devotos, de todas as nações do mundo. Quando ouviram o barulho, juntou-se a multidão, e todos ficaram confusos, pois cada um ouvia os discípulos falar em sua própria língua. Cheios de espanto e de

⁵ Proclamação da Páscoa, in *Missal Romano, Vigília Pascal*.

admiração, diziam: 'Esses homens que estão falando não são todos galileus? Como é que nós os escutamos na nossa própria língua? Nós que somos partos, medos e elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judéia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e da parte da Líbia, próxima de Cirene, também romanos que aqui residem; judeus e prosélitos, cretenses e árabes, todos nós os escutamos anunciarem as maravilhas de Deus na nossa própria língua!'. Todos estavam pasmados e perplexos, e diziam uns aos outros: “Que significa isso?” Mas outros caçoavam: “Estão bêbados de vinho doce”.⁶

Como vemos, já desde o início, desde o primeiro instante, não basta estar diante do fato, ainda que seja assim imponente. É preciso a liberdade para reconhecer o significado que o fato mesmo grita. Para descobri-lo é preciso um homem verdadeiramente voltado a tomar consciência de todos os fatores daquele evento, “com aquela inteligência positiva, com aquela inteligência pobre, pronta para a afirmação afetuosa do real, na qual consiste o terreno sobre o qual se exalta a fé”⁷. Somente assim alguém poderia encontrar resposta para a pergunta que aquele fato provocava: “O que significa esta reunião de pessoas?”, e verificar a razoabilidade das possíveis interpretações, como aquela de que aqueles homens estivessem embriagados.

É a esta pergunta, à sua urgência, à pergunta que nasce do fato impressionante do Pentecostes, que Pedro responde com o seu discurso, relatado nos *Atos dos Apóstolos*: “Pedro, de pé, junto com os onze apóstolos, levantou a voz e falou à multidão: “Homens da Judéia e todos vós, que residis em Jerusalém, seja do vosso conhecimento o que vou dizer. Escutai-me com toda a atenção. Estes aqui não estão embriagados, como podeis pensar, pois não são mais que as nove da manhã [um pouco cedo para estarem embriagados!]. Está acontecendo o que foi anunciado pelo profeta Joel: *‘Nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda carne, e vossos filhos e filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões e os vossos anciãos terão sonhos; mesmo sobre os meus escravos e escravas derramarei do meu Espírito, naqueles dias, e profetizarão. E mostrarei prodígios no céu, em cima, e sinais na terra, embaixo, sangue e fogo e nuvem de fumaça. O sol se transformará em trevas e a lua, em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor. E todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo’*. Homens de Israel, escutai estas palavras: Jesus de Nazaré foi um homem credenciado por Deus junto de vós, pelos milagres, prodígios e sinais que Deus realizou entre vós por meio dele, como bem o sabeis. Deus, em seu desígnio e previsão, determinou que Jesus fosse entregue pelas mãos dos ímpios, e vós o matastes, pregando-o

⁶ At 2,1-13.

⁷ GIUSSANI; Luigi. *La familiarità con Cristo: Meditazioni sull'anno litúrgico*. Cinisello Balsamo (Mi): San Paolo, 2008, p. 105 (tradução nossa).

numa cruz. Mas Deus o ressuscitou, libertando-o das angústias da morte, porque não era possível que ela o dominasse. Pois Davi diz a seu respeito: *‘Eu via sempre o Senhor diante de mim, porque está à minha direita, para que eu não vacile. Por isso alegrou-se meu coração e exultou minha língua; mais ainda, minha carne repousará na esperança. Não abandonarás minha alma no mundo dos mortos nem deixarás o teu Santo conhecer a decomposição. Deste-me a conhecer caminhos de vida e me encherás de alegria com a tua presença’*. Irmãos, seja-me permitido dizer-vos, com toda liberdade, que o patriarca Davi morreu e foi sepultado, e seu sepulcro está entre nós até hoje. Ora, ele era profeta e sabia que Deus lhe havia jurado solenemente que um de seus descendentes se sentaria no seu trono. Assim, ele previu a ressurreição do Cristo e é dela que disse: não foi abandonado no mundo dos mortos, e sua carne não conheceu a decomposição. De fato, Deus ressuscitou este mesmo Jesus, e disso todos nós somos testemunhas. E agora, exaltado pela direita de Deus, ele recebeu o Espírito Santo que fora prometido pelo Pai e o derramou, como estais vendo e ouvindo. Pois Davi não subiu ao céu, mas ele diz: *‘Disse o Senhor ao meu Senhor: senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como apoio para teus pés’*. Portanto, que todo o povo de Israel reconheça com plena certeza: Deus constituiu Senhor e Cristo a este Jesus que vós crucificastes”. Quando ouviram isso, ficaram com o coração compungido e perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos: “Irmãos, que devemos fazer?” Pedro respondeu: “Convertei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos vossos pecados. E recebereis o dom do Espírito Santo”⁸.

Somente a ressurreição de Cristo pode dar razão adequada para aquele fato. Diante da sua imponência, Pedro não pode ficar parado num nível fenomênico ou sociológico de interpretação. Nele prevalece a tensão exasperada a dizer o Seu nome: só Cristo ressuscitado, pela força do Seu Espírito, pode ser a explicação adequada do povo nascido da Páscoa. Pedro é todo dominado pela presença de Cristo ressuscitado e pode olhar para a realidade sem ficar na aparência, vencendo qualquer tipo de interpretação redutiva. Ele não consegue olhar nada, se não com a presença de Cristo ressuscitado no olhar.

Amigos, é só um olhar como este que pode introduzir-nos à compreensão adequada, sem reduções, daquilo que aconteceu na Praça São Pedro. Nós fazemos parte do povo nascido da Páscoa de Cristo. Cada um de nós pode fazer a comparação entre a consciência com a qual viveu o evento de povo acontecido em Roma no dia 7 de março e a consciência de Pedro diante do evento de povo do Pentecostes.

⁸ At 2,14-38.

Por isso, os dias de Páscoa, amigos, são o paradigma do viver cristão. Tentemos imaginar como as aparições de Jesus ressuscitado, um dia depois do outro – como nos recorda a liturgia –, deviam acometer os apóstolos! O que era, para eles, a vida, se não o impor-se da Sua presença viva, se não viver com a Sua presença no olhar? Não podiam mais apagá-Lo dos seus olhos.

“O Mistério não é o desconhecido; é o desconhecido na medida em que se torna conteúdo de experiência sensível. É um conceito muito importante: por isso, se fala do mistério da Encarnação, do mistério da Ascensão, do mistério da Ressurreição. Deus como Mistério seria uma imagem intelectual se parássemos na frase assim como é dita: ‘Deus é Mistério’.”⁹

Dom Giussani sublinha com força: “O Deus vivo é o Deus que Se revelou na Encarnação: na morte e na ressurreição de Cristo. O Deus verdadeiro é Aquele que veio entre nós, tornado sensível, tocável, visível, audível. O Mistério [...] Se tornou experimentável, Se tornou presença na história do homem. [...] A Ressurreição é o cume do mistério cristão. Tudo foi feito para isto, porque isto é o início da glória eterna de Cristo: ‘Pai, chegou a hora, glorifica o Teu Filho’. Tudo e todos temos um sentido neste acontecimento: Cristo ressuscitado. A glória de Cristo ressuscitado é a luz, o colorido, a energia, a forma do nosso existir, do existir de todas as coisas”¹⁰.

Cada um pode ver como viveu os dias de Páscoa. Para os discípulos foram o prevalecer da presença de Cristo ressuscitado no olhar e na consciência. E para nós? O que aconteceu em nós? Na nossa vida há facilmente uma fuga, uma falta de memória, um deixar para lá, como diz logo depois Dom Giussani: “A centralidade da ressurreição de Cristo é diretamente proporcional à nossa fuga, como que de um incógnito”; para nós, tantas vezes, é como se Cristo faltasse, como se fosse um “incógnito”, não é uma presença assim familiar, que nos atrai e nos enche de Si. “À nossa falta de memória dela, à timidez com a qual pensamos na palavra e somos como que repelidos para longe dela: a isto é diretamente proporcional a decisividade da Ressurreição, como proposição do fato de Cristo, como conteúdo supremo da mensagem cristã, conteúdo no qual se torna verdadeira aquela salvação, aquela purificação do mal, aquele renascimento do homem, para o qual Ele veio”¹¹.

Continua Dom Giussani: “Está no Mistério da Ressurreição o cume e o ponto alto da intensidade da nossa autoconsciência cristã, por isso da autoconsciência nova de mim mesmo, do modo com o qual olho todas as pessoas e todas as coisas” a começar de mim mesmo! Não

⁹ GIUSSANI, 2008, p. 69 (tradução nossa).

¹⁰ *Idem*, pp. 69, 71 (tradução nossa).

¹¹ *Idem*, p. 71 (tradução nossa).

há um outro olhar, amigos! Não há um outro olhar verdadeiro sobre nós, sobre a realidade, sobre as coisas, sobre as pessoas, sobre a história, depois da ressurreição de Cristo como evento histórico, se não aquilo que tem, na Sua presença, a luz para olhar tudo. Porque “é na Ressurreição”, sublinha Dom Giussani, “a chave de abóbada da novidade do relacionamento entre mim e eu mesmo, entre mim e os homens, entre mim e as coisas. Mas, esta é a coisa da qual mais fugimos. É como que a coisa – se quiserem, mesmo respeitosamente – mais deixada de lado, respeitosamente deixada na sua aridez de palavra intelectualmente percebida, percebida como ideia, exatamente porque é o cume do desafio do Mistério à nossa medida. [...] O cristianismo é a exaltação da realidade concreta, a afirmação do carnal, tanto que Romano Guardini, diz que não há nenhuma religião mais materialista [ou seja, ligada à realidade concreta, à carne] do que o cristianismo; é a afirmação das circunstâncias concretas e sensíveis, de forma que a pessoa não sente anseio de grandeza quando se vê limitado naquilo que deve fazer: aquilo que deve fazer, mesmo se pequeno, é grande, porque ali dentro vibra a Ressurreição de Cristo. ‘Imersos no grande Mistério’. É esbanjar algo do Ser, dilapidar o Ser da Sua grandeza, da Sua potência e do Seu senhorio; é lentamente esvaziar o conteúdo e fazer definhar o Ser, Deus, o Mistério, a Origem e o Destino, se nós não nos sentimos imersos neste Mistério, no grande Mistério: a Ressurreição de Cristo. *Imersos* como o eu é imerso no ‘tu’ pronunciado com todo o seu coração, como a criança quando olha a mãe, como a criança sente a mãe”¹².

É preciso, por isso, que “a inteligência da criança [...] seja recuperada em nós”, para poder olhar as coisas de modo verdadeiro. “Chama-se ‘fé’ a inteligência humana quando, permanecendo na pobreza da sua natureza original [como ânfora vazia pela manhã], é toda preenchida por outro, já que em si é vazia, como braços escancarados que ainda têm que abraçar a pessoa que esperam. Não posso me conceber a não ser imerso no Teu grande Mistério: a pedra descartada pelos construtores deste mundo, ou por cada homem que imagina e projeta a sua vida, se fez a pedra angular, sobre a qual unicamente é possível construir. Este Mistério – Cristo ressuscitado – é o juiz da nossa vida; Ele, que a julgará inteira no fim, a julga dia após dia, de hora em hora, de momento em momento, sem solução de continuidade. Quero sublinhar que este ‘vê-Lo’ como o Ressuscitado [...] é um juízo: ressuscitaste, ó Cristo”. “Este reconhecer o que aconteceu dEle, dEle morto, é um juízo [...], [isto é] um ato do intelecto que rompe o horizonte normal da racionalidade e agarra e testemunha uma Presença que, de todos os lados, ultrapassa o horizonte do gesto humano, da existência

¹² *Idem*, pp. 71-72, 76 (tradução nossa).

humana e da história. [...] É por graça que nós podemos reconhecê-Lo ressuscitado e que nós podemos imergir-nos no Seu grande Mistério; é por graça que nós podemos reconhecer que, se Cristo não tivesse ressuscitado, tudo seria vão, vã seria a nossa fé, ou seja, dizia São Paulo, vã seria a nossa afirmação positiva, segura, alegre, vã seria a nossa mensagem de felicidade e de salvação, e ‘vós estaríeis ainda em vossos pecados’, isto é, na mentira, no não-ser, no não conseguir ser.”¹³

Dom Giussani não usa meios termos: “Sem a Ressurreição de Cristo só há uma alternativa: o nada. Nós nunca pensamos nisto. Por isso, passamos os dias com aquela covardia, com aquela mesquinhez, com aquela negligência, com aquela instintividade obtusa, com aquela distração repugnante na qual o eu [...] se dispersa. De forma que, quando dizemos ‘eu’, o dizemos para afirmar um pensamento nosso, uma medida nossa (chamada também de ‘consciência’) ou um instinto nosso, um desejo nosso de ter, uma reivindicada, ilusória posse. Fora da Ressurreição de Cristo, tudo é ilusão: nos jogueteia. Ilusão é uma palavra latina que tem como sua última raiz a palavra ‘jogo’: somos jogueteados, jogueteados por dentro, iludidos. É-nos fácil olhar todo o ilimitado rebanho dos homens na nossa sociedade: é a grande, ilimitada presença das pessoas que vivem na nossa cidade, das pessoas que vivem perto de nós [...], das pessoas mais estreitamente próximas de nós em casa. E nós não podemos negar experimentar esta mesquinhez, esta sordidez, esta negligência, esta distração, esta perda total do eu, este reconduzir-se do eu a afirmação violenta e presunçosa do pensamento que vem [...] ou do instinto que pretende agarrar e possuir algo que ele decide que lhe é prazeroso, satisfatório, útil. [...] Nunca a palavra pedir, rezar, solicitar se torna tão decisiva como diante do mistério de Cristo ressuscitado”¹⁴.

Por isso, prossegue Dom Giussani, “para imergir-nos no grande Mistério devemos suplicar, pedir: pedir, esta é a riqueza maior. [...] O realismo mais intenso e mais dramático é pedi-Lo”¹⁵. Como escrevia Santo Agostinho: “Se o teu desejo está diante dele [o Mistério], ele que vê no segredo o ouvirá. [...] O teu desejo é a tua oração [o teu pedido]; se contínuo é o teu desejo, contínua é até mesmo a tua oração. [...] Se não quiseses parar de rezar, não cesses de desejar”¹⁶.

Que gratidão imensa e sem limites ouvir estas coisas, dar-se conta que ainda uma vez Cristo se torna assim abertamente presente! Nenhuma notícia é comparável a esta: Cristo

¹³ *Idem*, pp. 76, 78 (tradução nossa).

¹⁴ *Idem*, pp. 78-79, 81 (tradução nossa).

¹⁵ *Idem*, p. 81 (tradução nossa).

¹⁶ SANTO AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos (1-50)*. São Paulo: Paulus, 1997 (Sl 37,14).

presente ainda tem piedade de nós. É assim que Ele continua a ser o primeiro, que Ele nos *primerea*. Com esta Presença no olhar nós podemos olhar e julgar tudo; podemos ter um olhar cheio desta luz sobre o nosso tempo, sobre o vazio, sobre a violência, sobre a tribulação, sobre a impaciência.

Este olhar pode nos ajudar a entender também toda a densidade do que vivemos na Praça São Pedro. São tantos os sinais do acontecimento que Roma foi para nós, como muitos escreveram. Vocês, como eu, o sabem bem. “Voltando de carro”, diz sinteticamente um de vocês, “junto com amigos, havia um clima diferente: era flagrante que, naquele dia, havia acontecido algo a todos nós”. São tantos os sinais de que do dia 7 de março não ficou apenas um impacto momentâneo sentimental, mas que ele determinou um olhar novo sobre a vida.

O que aconteceu na Praça São Pedro? O papa não nos falou simplesmente. Com ele vivemos um gesto que – para usar a sua expressão – nos “descentrou”, nos trouxe uma vez mais ao centro e nos fez experimentar Cristo em ação. Não há um outro ponto de partida além desta experiência para olhar tudo o que aconteceu. Papa Francisco fez acontecer aquilo do que nos falou: um encontro, um encontro cheio de piedade, de misericórdia. É o mesmo método da noite de Páscoa. Por isso, é à luz da experiência feita que podemos entender aquilo que nos disse, inclusive o seu chamado à conversão, para não perder o centro, Cristo, em tudo aquilo que fazemos.

Percebi, em alguns, certa surpresa diante desse chamado à conversão. Mas, amigos, seria presunçoso pensar que nós não precisamos de conversão, que não exista nada em nós que deva ser mudado. Quem de nós não tem necessidade de conversão? Por isso, escutando as várias reações, veio-me em mente um trecho da *Carta aos Hebreus* que cita os *Provérbios*, que acredito que poderá nos ajudar a ler o discurso do Papa com a postura justa: “Portanto, com tamanha nuvem de testemunhas em torno de nós, deixemos de lado tudo o que nos atrapalha e o pecado que nos envolve. Corramos com perseverança na competição que nos é proposta, com os olhos fixos em Jesus, que vai à frente da nossa fé e a leva à perfeição. Em vista da alegria que o esperava, suportou a cruz, não se importando com a infâmia, e assentou-se à direita do trono de Deus. Pensai pois naquele que enfrentou uma tal oposição por parte dos pecadores, para que não vos deixeis abater pelo desânimo. Vós ainda não resististes até ao sangue, na vossa luta contra o pecado, e já esquecestes as palavras de encorajamento que vos foram dirigidas como a filhos: “*Meu filho, não desprezes a correção do Senhor, não te desanimes quando ele te repreende; pois o Senhor corrige a quem ele ama e castiga a quem aceita como filho*” (Pr 3,11-12). É para a vossa correção que sofreis; é como filhos que Deus

vos trata. Pois qual é o filho a quem o pai não corrige? Pelo contrário, se ficais fora da correção aplicada a todos, então não sois filhos, mas bastardos. [...] Deus, porém, nos corrige em vista do nosso bem, a fim de partilharmos a sua própria santidade. Na realidade, na hora em que é feita, nenhuma correção parece alegrar, mas causa dor. Depois, porém, produz um fruto de paz e de justiça para aqueles que nela foram exercitados”¹⁷.

Prestemos atenção na diferença entre certas reações nossas ao discurso do Papa e a reação de Dom Giussani depois do reconhecimento da Fraternidade de Comunhão e Libertação, no dia 11 de fevereiro de 1982. Assim, cada um de nós pode fazer a comparação.

“O ato da Santa Sé ‘erige e confirma em pessoa jurídica para a Igreja universal a associação leiga denominada Fraternidade de Comunhão e Libertação, declarando-a, para todos os efeitos, Associação de Direito Pontifício e estabelecendo que seja reconhecida por todos como tal’. [Mas], o texto do decreto [de reconhecimento] vinha acompanhado por uma carta, endereçada a Dom Giussani, do cardeal Rossi”, na qual se fazia uma lista de “recomendações” entre as quais: “a coerente afirmação do próprio carisma deve evitar ‘tentações de autossuficiência’; o reconhecimento da natureza eclesial da Fraternidade implica ‘uma sua plena disponibilidade e comunhão com os Bispos, com o Supremo Pastor da Igreja a frente’; os sacerdotes devem estar ‘a serviço da Unidade’; e todos os membros não devem impedir que ‘a fé mantenha toda a sua força de irradiação sobre a vida’” e assim por diante. “Giussani lembrará de ter dito ao cardeal Rossi, quando lhe entregou a carta, que gostaria de publicá-la, e de ter ouvido o purpurado responder: ‘Não, não a publique! Porque os malevolentes podem interpretar mal as recomendações que nela estão escritas’. Pelo contrário, para Giussani, a carta ‘é justamente um exemplo da maternidade com a qual a Igreja consegue’, quando há pastores como o Cardeal, ‘acompanhar os seus filhos’. Naquele ponto, o Cardeal consentiu que se publicasse.”¹⁸

Por que temos tanto medo de acolher os chamados de atenção do Papa e reconhecer os nossos erros? É um sinal de que a nossa consistência ainda está naquilo que fazemos, naquilo que temos, isto é, que nos deslocamos de Cristo. Por isso, nunca temos paz em nós, nem letícia: porque não colocamos a consistência naquilo que nos aconteceu, nEle que nos aconteceu.

Por que o Papa e Dom Giussani não têm este medo? Porque, para eles, a certeza é colocada em outra coisa diferente daquilo que fazem e têm. Escutem o que diz Giussani – me parece um juízo crucial para começar bem estes dias de Exercícios e para olhar tudo à luz da

¹⁷ Hb 12,1-11.

¹⁸ SAVORANA, Alberto. *Vita di don Giussani*. Milano: BUR, 2014, pp. 602-603 (tradução nossa).

ressurreição de Cristo: “Normalmente, [...] a consistência [...] nós a buscamos naquilo que fazemos ou naquilo que temos, que é o mesmo. Assim, a nossa vida nunca tem aquele sentimento, aquela experiência da certeza plena, que a palavra ‘paz’ indica, aquela certeza e aquela plenitude [...], aquela certeza plena, [...] sem a qual não há paz [...], não há alegria. No máximo, chegamos à satisfação naquilo que fazemos, à satisfação conosco mesmos. E estes fragmentos de satisfação naquilo que fazemos, ou naquilo que somos não resultam em nenhuma alegria e nenhuma felicidade, nenhum senso de plenitude seguro, nenhuma certeza e nenhuma plenitude”. É isto o que perdemos! “A certeza é algo que ocorreu a nós, aconteceu a nós, entrou em nós, foi encontrado por nós: [...] a consistência da nossa pessoa [...] [é] algo que nos aconteceu [...], *Alguém* nos aconteceu. [...] ‘Vivo, não eu, mas é este [Cristo] que vive em mim’”¹⁹.

O Papa e Giussani podem olhar para tudo porque estão certos de Cristo e da Sua misericórdia. O Papa pode até dizer: “E, por isso, às vezes, vós me ouvistes dizer que o lugar privilegiado do encontro com Jesus Cristo é o meu pecado”²⁰. Não podemos imaginar nada de mais libertador, para poder olhar a nós mesmos, para poder olhar tudo aquilo que somos, até mesmo aquilo que não conseguiríamos olhar! Que experiência o Papa fez para chegar a dizer isto diante de mundo? “O lugar privilegiado do encontro é o afago da misericórdia de Jesus Cristo em relação aos meus pecados.”²¹ Na base de sua audácia está a certeza de Cristo. É a mesma audácia da Igreja que, na noite de Páscoa, grita a todo o mundo: “ó culpa tão feliz que há merecido a graça de um tão grande Redentor!”. Não devemos censurar nada; nada está excluído deste olhar, deste abraço cheio de piedade.

A censura de nós mesmos, o medo, a falta de audácia confirmam o quanto nós nos afastamos de Cristo, o quanto estamos distantes dEle e o quanto estamos centrados em nós mesmos: não é Cristo o centro do viver! De fato, somente quem não tenha se afastado de Cristo não terá medo de olhar tudo, até mesmo o próprio mal. Quanta necessidade temos de estar descentrados de nós mesmos para que Ele volte a ser o centro, a ponto de nos permitir olhar tudo, justamente tudo! “Jesus Cristo é sempre o primeiro, antecipa-nos, espera por nós, Jesus Cristo precede-nos sempre; e quando nós chegamos, Ele já está ali à nossa espera.”²² Quem pode imaginar um presente maior do que este para si mesmo, para a própria vida? Algo de mais útil para começar estes dias?

¹⁹ GIUSSANI, 2008, pp. 25-26 (tradução nossa).

²⁰ FRANCISCO. *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

²¹ *Ibidem*.

²² *Ibidem*.

Mas, não acaba aqui, não é só isso. Porque sem a experiência da misericórdia não somente eu não encontro paz, mas sobretudo não conheço Cristo verdadeiramente. “As pessoas honestas”, diz Péguy, “não apresentam aquela abertura produzida por uma ferida espantosa, por uma miséria inesquecível, por um arrependimento invencível, por um ponto de sutura eternamente mal feito, por uma inquietude mortal, por uma ansiedade recôndita invisível, por uma amargura secreta, por uma precipitação perpetuamente mascarada, por uma cicatriz eternamente mal curada. Não apresentam aquela abertura para a graça que é o pecado, essencialmente. [...] As ‘pessoas honestas’ não se deixam banhar pela graça.”²³

O Papa nos disse: “Só quem foi acariciado pela ternura da misericórdia conhece verdadeiramente o Senhor”²⁴. Sem a experiência da misericórdia, não conhecemos Cristo! Fora o engano e a ingenuidade de pensarmos-nos sem pecado, se não experimentamos e não reconhecemos a Sua misericórdia, nunca poderemos – nunca mesmo! – saber quem é Cristo. A falta de experiência da Sua misericórdia confirma o quanto estamos “afastados”, descentrados, desviados de Cristo.

Que consolo, então, reler o relato do fariseu e da mulher pecadora, para começar estes dias!

“Um fariseu convidou Jesus para jantar. Ele entrou na casa do fariseu e sentou-se à mesa. Havia na cidade uma mulher que era pecadora. Quando soube que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro, cheio de perfume, postou-se atrás, aos pés de Jesus e, chorando, lavou-os com suas lágrimas. Em seguida, enxugou-os com os seus cabelos, beijou-os e os ungiu com o perfume. Ao ver isso, o fariseu que o tinha convidado comentou: “Se este homem fosse profeta, saberia quem é a mulher que está tocando nele: é uma pecadora!” Então Jesus falou: “Simão, tenho uma coisa para te dizer”. Ele respondeu: “Fala, Mestre”. “Certo credor”, retomou Jesus, “tinha dois devedores. Um lhe devia quinhentas moedas de prata, e o outro cinquenta. Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual deles o amará mais?” Simão respondeu: “Aquele ao qual perdoou mais”. Jesus lhe disse: “Julgaste corretamente”. Voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Estás vendo esta mulher? Quando entrei na tua casa, não me ofereceste água para lavar os pés; ela, porém, lavou meus pés com lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Não me beijaste; ela, porém, desde que cheguei, não parou de beijar meus pés. Não derramaste óleo na minha cabeça; ela, porém, ungiu meus pés com perfume. Por isso te digo: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, pois ela mostrou muito amor. Aquele, porém, a quem menos se perdoa, ama

²³ PÉGUY, Charles. *Nota congiunta su Cartesio e la filosofia cartesiana*. In: PÉGUY, Charles. *Lui é qui*. Milano: BUR, 1997, pp. 474-475 (tradução nossa).

²⁴ FRANCISCO. *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

menos”. Em seguida, disse à mulher: “Teus pecados estão perdoados”. Os convidados começaram a comentar entre si: “Quem é este que até perdoa pecados?” Jesus, por sua vez, disse à mulher: “Tua fé te salvou. Vai em paz!”.²⁵

Quem conhece mais a Jesus? Quem pode experimentar um amor maior e viver aquela moralidade sobre a qual nos falou o Papa? Aquele a quem muito é perdoado, ama muito. Como podia, aquela mulher, amar tão intensamente? Pela consciência que tinha de já ter sido toda perdoada, porque havia conhecido aquele homem. Que audácia! A audácia que lhe vem do fato de ter sido perdoada a faz entrar naquela casa e cumprir aquele gesto sem precedentes. Havia um lugar no qual tinha sido acolhida com todo o seu mal, tinha se sentido abraçada por um olhar cheio de misericórdia. Por isso, não tinha medo de olhar o próprio pecado. Descentrada de si e do seu pecado, toda determinada pelo olhar de Cristo, aquela mulher não podia mais olhar nada sem Cristo no olhar. Esta é a libertação que Cristo traz para a nossa vida, seja lá qual for o nosso mal.

Peçamos que Cristo domine de tal forma estes dias que possam retornar para casa “livres”.

Um gesto destas dimensões não é possível sem a contribuição de cada um de nós. “Como?”, perguntava-se Dom Giussani nos Exercícios da Fraternidade de 1992. “Com uma só coisa: com o silêncio. Que, pelo menos por um dia e meio [...], saibamos descobrir e nos deixar afundar dentro do silêncio! Nele, pensamento e coração, a percepção daquilo que nos circunda e, por isso, o abraço fraterno, amigável com as pessoas e com as coisas se exalta. Que, em um dia e meio ao longo de todo um ano, nos deixemos levar pelo esforço, pela fadiga deste silêncio!”. Perderemos o melhor, se não dermos espaço à possibilidade de que aquilo que nos acontece nos penetre até o miolo. “O silêncio não é o não falar; o silêncio é estar com o coração e a mente cheios das coisas mais importantes, aquelas nas quais, normalmente, nunca pensamos, mesmo sendo o motor secreto através do qual fazemos tudo. Nada daquilo que fazemos nos basta, é satisfatório [...], razão exaustiva para fazê-lo [...]. [Pelo contrário], o silêncio [...] coincide com aquilo que nós chamamos memória” para deixar entrar este olhar. “Por isso, insistimos para que o silêncio seja respeitado na sua natureza [...], mas também para que seja salvo o contexto através do qual a memória pode ser útil: o não falar inutilmente. Recomendamos o silêncio sobretudo durante os deslocamentos”; porque, assim, quando entrarmos no salão, “a memória será favorecida pela música que ouviremos ou pelos quadros que veremos; nos disporemos assim a olhar, a escutar, a ouvir com a mente e com o coração

²⁵ Lc 7,36-50.

aquilo que, de algum modo, Deus nos proporá”. E concluía: “Devemos ter uma grande compaixão por aquilo que nos é proposto e pelo modo com o qual nos é proposto; a intenção é boa, quer o seu bem, lhe quer bem. Seria muito melancólico não poder fazer outra coisa, mas aquilo que fazemos juntos, neste dia e meio, é apenas um aspecto do grande gesto amoroso com o qual o Senhor – ainda que você não se dê conta disso – empurra a sua vida em direção àquele Destino que é Ele”²⁶.

²⁶ GIUSSANI, Luigi. *Dare la vita per l'opera di un Altro: Esercizi spirituali della Fraternità di Comunione e Liberazione*. (Appunti dalle meditazioni), Rimini, 1992; suplemento de *CL-Litterae Communionis*, n. 6, 1992, pp. 4-5 (tradução nossa).